

GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

ISSN 2177-3688

EXPRESSÕES DA MEDIAÇÃO CULTURAL ATRAVÉS DO *FLÂNEUR*

EXPRESSIONS OF CULTURAL MEDIATION THROUGH THE *FLÂNEUR*

Luiz Tadeu Feitosa – Universidade Federal do Ceará (UFC)
Aryadna Pereira de Castro – Universidade Federal do Ceará (UFC)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O estudo considera as variações metafóricas do *Flâneur*, a partir da análise de Walter Benjamin e outros autores. Objetiva analisar na obra “A invenção do cotidiano”, de Michel de Certeau, situações e expressões culturais que remetem ao *Flâneur*, em busca da mediação cultural subentendida na obra do autor, através da fenomenologia do signo de Charles Sanders Peirce, e seu conceito sobre mediação. A metodologia é composta pelo levantamento do material bibliográfico que embasa teoricamente o conceito de *Flâneur*, analisa a Cidade sob a ótica de Certeau e confronta a hipótese de que o terceiro ponto numa mediação cultural pode estar no simples ato de caminhar pela cidade. A análise apresenta que a mediação cultural também se dá pelos significados e interpretações decorrentes das ações dos signos nos cotidianos e coloca-se em contato com demais conceitos de mediação cultural estudados na Ciência da Informação. Considera-se, por fim, que é possível encontrar, na obra de Michel de Certeau, elementos que relacionam o *Flâneur* com a mediação cultural, através da atribuição dos signos feita nesse processo.

Palavras-chave: mediação cultural; mediação da informação; *flâneur*.

Abstract: The study considers the metaphorical variations of the *Flâneur*, based on the analysis of Walter Benjamin and other authors. It aims to analyze in Michel de Certeau's work "The invention of everyday life", situations and cultural expressions that refer to the *Flâneur*, in search of the cultural mediation implied in the author's work, through the phenomenology of the sign of Charles Sanders Peirce, and his concept of mediation. The methodology consists of a survey of the bibliographic material that theoretically supports the concept of *Flâneur*, analyzes the City from the perspective of Certeau and confronts the hypothesis that the third point in a cultural mediation can be in the simple act of walking through the city. The analysis shows that cultural mediation also occurs through the meanings and interpretations arising from the actions of signs in everyday life and is put in contact with other concepts of cultural mediation studied in Information Science. Finally, it is considered that it is possible to find, in the work of Michel de Certeau, elements that relate the *Flâneur* with cultural mediation, through the attribution of signs made in this process.

Keywords: cultural mediation; information mediation; *flâneur*.

1 INTRODUÇÃO

Esta comunicação é fruto ainda embrionário de discussões de um grupo de pesquisa de um Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, intitulado “Cultura e mediação

cultural”, com vistas a encontrar nas bases teóricas da Antropologia Cultural, da Semiótica e suas variações, dos Estudos Culturais e estudos afins os elementos que identifiquem aspectos epistemológicos da mediação cultural. O grupo de pesquisa parte do pressuposto que a mediação cultural tem como matriz fundante não as ações pragmáticas de mediações com objetivos funcionais e pragmáticos como encontrados em vasta produção acadêmica sobre o tema. Ainda que ela também seja isso, sua matriz fundante e ancestral será sempre definida pelo papel das ações do signo, suas semioses e demais processos antropológicos onde representações simbólicas de natureza convencional – e muitas vezes arbitrárias – atribuem sentidos ao mundo e os representa culturalmente para as inteligibilidades culturais no interior e ao largo das culturas. Elas advêm, portanto, de construtos simbólicos e suas semioses que formam e atualizam nosso capital cultural, este decisivo para a compreensão e inteligibilidade de todas as outras formas de mediação, inclusive, a mediação da informação.

Ainda que devedor de maiores esclarecimentos epistemológicos e suas aplicações às mediações da informação no plano prático, há sinais evidentes nas teorizações do tema nos estudos contemporâneos da Ciência da Informação (CI) da mediação cultural como fundante da mediação da informação.

No Brasil, Almeida Júnior (2009) questiona a identificação de mediação da informação como uma ponte – como é normalmente lembrada *a priori* por diversos profissionais da informação – e afirma que tal definição soa inapropriada por não se tratar de um conceito estático, mas relacional, dialógico. Por sua vez, Feitosa (2016, p. 102) complementa esse pensamento ao afirmar que toda mediação é, "por excelência, cultural", pois não há como dissociá-la dos processos culturais nos quais os indivíduos estão inseridos, visto que não há mediação isenta de influências culturais.

Considerando que a informação não é estática e o processo comunicacional pelo qual ela passa não se dá com apenas um ou dois elementos, Carvalho e Nunes (2021) afirmam que "a ideia de um terceiro na mediação abre espaço para abordagens que possibilitam um esquadrinhamento da informação na perspectiva da cultura". Nesse sentido, para além da informação tratada e registrada em unidades de informação e afins, como equipamentos culturais, o que prevalece é a ação de signos, símbolos e demais construtos simbólicos a operacionalizar e sofisticar todas as mediações.

É à luz desses fenômenos culturais que as discussões realizadas no grupo de pesquisa Cultura e Mediação Cultural, vinculado à Universidade Federal do Ceará, estuda nas ciências

humanas e sociais elementos que sirvam de subsídio para uma composição teórica acerca da mediação cultural. Parte-se da hipótese de que o terceiro ponto presente no processo mediacional, não necessariamente precisa ser um ser humano, mas a própria informação em trânsito ou elementos e signos culturais que a compõem.

Os muitos desdobramentos metafóricos de e sobre *Flâneur*, nas conversas suscitadas no referido grupo de pesquisa, vêm sendo analisados como expressão informacional e cultural que parte do olhar antropológico e sociológico sobre os lugares da cidade como espaços mediacionais e observa o ato de caminhar como uma expressão de cultura e mediação cultural, sem tirar desse ato simples do caminhar e da errância marcas, signos e representações culturais e as informações recebidas, produzidas e apropriadas como feixes de informações a revelar e propor mediações da informação.

Ainda que o ato de caminhar ou a *flânerie* tenham uma essência prática, a abordagem trazida nesta comunicação é de cunho teórico, e foca no seguinte questionamento: como a metáfora do *Flâneur* e seus desdobramentos teóricos e conceituais, estudado por Benjamin (1989) sobre a obra do poeta francês, Charles Baudelaire, se relacionam com as construções teóricas trazidas pela obra "A invenção do cotidiano", de Michel de Certeau (1994), observando o indivíduo, as caminhadas e a cidade como partes intrínsecas ao processo de mediação cultural?

O termo em si não é mencionado por Certeau (1994), sobretudo nos capítulos dedicados aos espaços e lugares da cidade, mas é possível estabelecer um panorama entre os indivíduos que se encontram nas práticas que o autor aborda ao longo da obra com o conceito de Baudelaire. Portanto, o objetivo desta pesquisa é encontrar na obra de Michel de Certeau (1994) situações e expressões culturais que remetem ao *Flâneur* e confrontar a hipótese de que o terceiro ponto numa mediação cultural pode estar até mesmo no ato de caminhar a esmo pela cidade, onde essas impressões são os próprios signos mediacionais, como veremos mais adiante sobre a fenomenologia do signo de Charles Sanders Peirce (SANTAELLA; CARDOSO, 2020).

A metodologia para esta pesquisa é composta pelo levantamento do material bibliográfico que embasa teoricamente o conceito de *flanêur*, com foco principal no diálogo entre a obra de Benjamin (1989) e outros autores para posteriormente, analisar, identificar e discutir como a mediação cultural pode ser encontrada nos processos cotidianos e nas "maneiras de fazer" abordadas por Michel de Certeau (1994) em sua obra "A invenção do

cotidiano”. De natureza teórica e bibliográfica, a pesquisa, além da leitura, análise e desta produção textual visando a comunicação científica, busca suscitar discussões nos encontros do grupo envolvendo os demais participantes, para a partir de então, consolidar o aporte teórico proposto pela ementa do grupo de pesquisa, que culminará num dossiê teórico que mergulha na mediação cultural onde ela não necessariamente aparece de modo explícito.

2 FLÂNEUR: AS ERRÂNCIAS E SUAS MEDIAÇÕES CULTURAIS

No contexto de *flâneur* e suas *flânerie* encontramos marcas de vivências, envolvimento, observação e apropriação do cotidiano de uma metrópole. Assim, o simples ato de andar a pé possibilita que as pessoas explorem uma cidade de forma mais íntima, onde a intimidade ou os conflitos decorrentes disso aproximam o sujeito observador de complexidades de sentidos que essa errância possibilita. Nesse sentido, o cotidiano da cidade envolve o sujeito observado em táticas e artimanhas para construir e atualizar experiências num jogo semiótico ensejado por “artes do fazer”, como veremos em Certeau (1994).

São, na verdade, “artes de fazer” de uma cultura informada e comunicada tanto pelos signos da cidade, como pelos objetos que aqueles representam, com ação inalienável de “consciências interpretantes”, sejam elas humanas ou semiósicas, produzidos por semioses ilimitadas e culturalmente definidas. Nesse sentido, Caune (2014, p. 33) diz que “não devemos esquecer que é primeiro pelo corpo que os seres humanos se comunicam”, e toma-se aqui o caminhar como uma forma comunicativa, visto que é uma experiência que permite imersão e interação com o ambiente, com as pessoas e com a cultura local. É uma oportunidade de desacelerar, observar e vivenciar o espaço urbano, enriquecendo a relação com os espaços da cidade e consigo mesmo.

Numa relação explícita com esse descortinar da cidade, impondo “algo” em substituição ao “nada” presente no desconhecimento, temos em Maffesoli (2003) uma leitura interessante sobre o papel cultural da informação e comunicação, que são a cola social que nos une e nos agrega ao outro, produzindo “*reliances*” entre as culturas, seus contextos e nós.

O *Flâneur* abordado e apresentado adiante, tem uma dimensão simbólica e um tanto poética, advinda da literatura, que retrata a experiência humana em relação a questões de identidade e conexão com o ambiente urbano, aplicadas ao ato de passear e se apropriar da cidade e dos espaços contidos nela, como algo cultural.

Historicamente, “a palavra [*Flâneur*] em si foi definida pela primeira vez pelo jornal *Figaro*, em 1831, como um homem que visitava todos os espetáculos gratuitos, que fazia da rua seu salão e das vitrines seus móveis” (CONLIN, 2014, p. 14, tradução nossa). Outros escritores como James Donald e Louis Huart também escreveram sobre figuras representativas para as cidades e utilizaram o termo, mas dois autores tiveram destaque em seus textos sobre o assunto. Charles Baudelaire, poeta parisiense que cunhou em seu poema “Le Peintre de la vie moderne, 1845” o conceito denominado *flâneur*, e Walter Benjamim, advindo da escola socialista de Frankfurt, com estudos sobre a obra de Baudelaire e sobre Paris, considerada “o chão da *flânerie*” (CONLIN, 2014).

Tester (1994) afirma que a *flânerie* é uma atividade que consiste em passear e o *flâneur* é aquele que a realiza, e que este é um tema que aparece com frequência na sociologia, literatura, na arte urbana, dentre outras áreas. Ainda sob a ótica de Caune (2014), através da comunicação feita entre a sola dos pés, os olhos e o que a cidade oferece, traz à tona o conceito do *Flâneur*, esse indivíduo que, ao caminhar, faz parte da cultura, se depara com esses lugares em seu ato de passear e apropria-se deles buscando experiências de observação artística e lírica em meio à confusão da cidade, contemplando a beleza na paisagem comum do ambiente urbano.

No entanto, entende-se que o “flanar” é prestar atenção e absorver aquilo que os espaços urbanos oferecem, como um tecido formado por pessoas, experiências e lugares, que se entrecruzam e criam uma sensação de conexão, ou relações de sentido trazidos pela caminhada que produzem na memória a habitabilidade. Benjamin (1989, p. 186) afirma que o *Flâneur* “[...] não se nutre apenas daquilo que, sensorialmente, lhe atinge o olhar; com frequência também se apossa do simples saber”. Ao apossar-se daquilo que lhe cruza o caminho, o caminhante tem a capacidade de atribuir também significados ao que vê, conforme Tester (1994, p. 6, tradução nossa) “o *flâneur* é o soberano individual da ordem das coisas que, como poeta ou como artista, é capaz de transformar rostos e coisas de modo que para ele tenham apenas aquele significado que ele lhes atribui”. A semiótica dirá, como veremos mais adiante, que estamos sob a égide do signo, um dos elementos que compõe a mediação e os processos complexos que a circundam.

Estando, pois, o caminhante a atribuir significados ao que se lhes apresenta aos sentidos, os signos possibilitam que esses significados sejam compartilhados, ainda que de forma abstrata, estimulando a reflexão sobre a mediação nos efeitos sógnicos causados em

seus intérpretes e interpretantes. Para Santaella e Cardoso (2020) “Peirce desenvolveu uma teoria lógico-semiótica da mediação bastante abstrata e, por isso mesmo, capaz de produzir consequências ontológicas, epistemológicas, sociais e culturais importantes”. Para a autora, o signo coloca em cena o jogo da mediação.

Tomando por base os estudos fenomenológicos de Peirce, afirma-se que:

Trata-se, portanto, de um campo de estudo que tem por objeto quaisquer tipos de signos verbais, não-verbais e naturais, visando compreender que natureza, quais propriedades e poderes de referência os signos têm, como eles se estruturam em sistemas e processos, como funcionam, como são produzidos e utilizados e que tipos de efeitos interpretativos estão aptos a gerar em seus possíveis intérpretes (SANTAELLA; CARDOSO, 2020, p. 10).

Como se percebe, o signo e seus processos de produção e atualização de sentidos se dão em semioses múltiplas e em vários contextos, importantes para tirarmos dos seus fenômenos as possibilidades de representação e suas complexidades sógnicas em contextos de produção, circulação, difusão, recepção e apropriação. Processos que envolvem signos, objetos e interpretantes. Estes últimos não necessariamente humanos, mas “consciências interpretantes”, que construirão por semioses, novos signos e novos processos de representação.

Tais reflexões ressaltam o papel ativo do *Flâneur* em sua interação com o ambiente urbano. Ele não é um espectador passivo, mas um sujeito que absorve os contextos sógnicos ao seu redor, atribui significados e tem o poder de transformar sua experiência através de uma abordagem semiótica. Frisby (1994) reconhece a contribuição de Walter Benjamin como precursor nas investigações acerca do assunto, mas traz uma perspectiva interessante ao afirmar que Benjamin colocou o seu próprio viés sobre o *flâneur*, trazendo uma ambiguidade e características pessoais suas ao estudar o conceito, o que reflete o quanto cada indivíduo pode identificar-se com o *Flâneur* que habita em si, a partir do momento que se permite caminhar e estar receptivo àquilo que a cidade ao seu entorno tem a oferecer, e de que forma pode interpretá-la. É nessa perspectiva que as práticas cotidianas de Certeau (1994) podem se conectar com o conceito apresentado e encontrar-se também nos processos de mediação entre o ser e a cidade.

3 A CIDADE: DESDOBRAMENTOS DO COTIDIANO

Michel de Certeau, de forma muito poética, mas também sob os princípios da Antropologia, fala em seu livro “A invenção do cotidiano: artes de fazer” (CERTEAU, 1994), sobre as marcas e as memórias que a cidade deixa em nós quando andamos por ela, a partir das trajetórias, que ele as chama de “artes de fazer”, bem como das práticas intencionais (estratégias) e não intencionais (táticas). Segundo Certeau (1994, p. 46), as táticas são ações que acontecem e não há como estabelecer limites pois podem atingir o outro indivíduo, e muitas dessas práticas são coisas do dia a dia, como falar, ler, fazer compras, e caminhar, ou circular pela cidade. Sobre o caminhar o autor traz a seguinte sentença:

Caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio. A **errância**, multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social da privação de lugar – uma experiência, é verdade, esfarelada em deportações inumeráveis e ínfimas (deslocamentos e caminhadas), compensada pelas relações e os cruzamentos desses êxodos que se entrelaçam, criando um tecido urbano, e posta sob o signo do que deveria ser, enfim, o lugar, mas é apenas um nome, a Cidade (CERTEAU, 1994, p. 183, grifo nosso).

A errância, posta em destaque, significa a ação de andar sem rumo, como explicitada no capítulo anterior a respeito da *flânerie*. De Certeau (1994, p. 171) descreve cidadãos errantes como aquele "cujo corpo obedece aos cheios e vazios de um 'texto' urbano que escrevem sem poder lê-lo". O autor denomina o texto urbano ao qual se refere como as práticas do espaço que ocupam a cidade. A cidade, com seus prédios e construções que não passam de concreto se não forem ocupadas por pessoas que lhes deem significado, é também uma "cidade *transumante*, ou metafórica, insinua-se assim no texto claro da cidade planejada e visível" (CERTEAU, 1994, p. 172, grifo do autor). O conceito de práticas do espaço urbano, nesse cenário, ressalta a interdependência entre as pessoas e a cidade, destacando tanto a importância da errância, como da ocupação e da vivência dos espaços urbanos como elementos fundamentais na construção do significado e das motivações para andar.

Certeau (1994, p. 189) diz que “só se pode morar num lugar assim povoado de lembranças” e também que

O memorável é aquilo que se pode sonhar a respeito do lugar. Já nesse lugar palimpsesto, a subjetividade se articula sobre a ausência que a estrutura como existência e a faz “ser-aí” (*Dasein*). Mas, como já se viu, este ser-aí só se exerce em práticas do espaço, ou seja, em *maneiras de passar ao outro* (CERTEAU, 1994, p. 190, grifo do autor).

Tais maneiras de “passar ao outro”, que o autor trata em sua obra como práticas do espaço, conversa com Kupiec, Neitzel e Carvalho (2014, p. 165) que apontam o espaço, enquanto ambiente, como fator relevante para o processo de mediação cultural, visto que os indivíduos criam vínculos com os espaços físicos, permitindo que estes “ultrapassem a efemeridade, não sejam episódicos, e que levem a repercussões por meio das relações estabelecidas e alimentadas cotidianamente”. A leitura dos espaços, o “ser-aí” de Michel de Certeau (1994) e o “*Flâneur*” esmiuçado por Benjamim (1989), conectam-se aos caminhos do cotidiano como parte dos indivíduos que criam conexões que vão além do efêmero, com a cidade e uns com os outros. Ainda sob o ponto de vista dos autores:

A leitura dos espaços, assim como a ação dos sujeitos sobre estes, pode sinalizar formas de compreender como esse sujeito relaciona-se com o mundo ao seu entorno. A experiência vivida dá-se no trânsito dos espaços e as relações pessoais são marcadas por essa transitoriedade (KUPIEC; NEITZEL; CARVALHO, 2014, p. 168)

Ao dar ênfase ao que foi dito pelos autores em relação a transito de espaços e relações pessoais, traz-se à tona a mediação cultural e sua relação com apropriação e transformação. Muito além de uma ida e volta entre dois pontos distintos, devemos observar os procedimentos pelos quais emissores e receptores atravessam durante a comunicação, passo a passo, e como outras rotas serão delineadas a partir da rota inicial. Toma-se o termo “rota” em alusão à caminhada do *Flâneur* mas essa rota se aplica também aos elementos e a bagagem cultural que o indivíduo tem para transformar o espaço urbano em seu e de andanças em andanças levar a sua cultura a outros pontos dessa rota.

Nesse sentido, Certeau (1994, p. 189) diz que

Os lugares são histórias fragmentadas e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo. “Gosto muito de estar aqui” é uma prática do espaço este bem-estar tranquilo sobre a linguagem onde se traça, um instante, como um clarão.

A complexidade dos lugares como repositórios de histórias enfatiza a necessidade de transcender a linguagem para experimentar um senso de bem-estar e conexão com o espaço. Ele evoca uma sensação de mistério e potencial de descoberta nas histórias dos lugares. Quando Caune (2014) afirma que a cultura é uma herança que deve ser compreendida a partir

dos modos como é transmitida, os lugares que vão sendo passados de uns para os outros, dos quais fala o autor, indicam que muitos elementos são essenciais para entendermos as narrativas destes lugares.

Certeau (1994, p. 173) diz que a cidade “oferece assim a capacidade de conceber e construir o espaço a partir de um número finito de propriedades estáveis, isoláveis e articuladas uma sobre a outra”. Ao mencionar tais propriedades o autor destaca a ideia de que apesar da diversidade e complexidade da cidade, é possível identificar elementos fundamentais que são constantes e que podem ser utilizados como base para a apropriação do indivíduo diante do espaço urbano. Elas são "estáveis" porque se tratam muitas vezes de estruturas ou pontos de referências que não se modificam com velocidade, alguns elementos, por exemplo, como praças ou locais de memória, podem levar décadas para sofrer modificações significativas. São "isoláveis" no sentido de que podem ser analisadas separadamente, mesmo que estejam interconectadas a outros elementos. E por fim, "articuladas uma sobre a outra" para descrever como essas propriedades se relacionam e se influenciam mutuamente na construção heterogênea do espaço urbano.

4 ANÁLISE À LUZ DA MEDIAÇÃO

No tocante à mediação, sobre a fenomenologia do signo de Charles Sanders Peirce, “não devemos começar conversando sobre ideias puras, – pensamentos vagabundos que vagueiam pelas vias públicas sem qualquer habitação humana – mas devemos começar com os homens e suas conversações”. (PEIRCE *apud* SANTAELLA, CARDOSO, 2020, p. 10). Temos aqui uma referência filosófica e fenomenológica sobre um dos aspectos mediacionais dos signos: “todo pensamento é dialógico, um embrião de sua natureza social”. Mas, isso diz ainda muito pouco sobre a complexidade fenomenológica dos signos e suas mediações, notadamente nos contextos socioculturais.

Uma complexidade que extrapola a relação unilinear e unidirecional do processo de informação e comunicação nas ações dos signos ou semioses. Para além dessas ações que envolvem emissores e receptores – sejam ele humanos ou não – “o que importa é o fluxo dos signos”, já que “emissores e receptores não são simplesmente emissores e receptores fechados em seu próprio discurso, uma vez que o fluxo de signos está sempre prenhe de vozes, ecos de discursos de outros” (SANTAELLA, CARDOSO, 2020, p. 11).

São contextos e aspectos em que as semioses são as próprias mediações que elas promovem e provocam, em ações dinâmicas dos signos na tarefa infinita de criar representações dos objetos, eles existam ou não. Essas representações sempre dependerão “do repertório de signos-informações prévias com que estamos munidos” (SANTAELLA, CARDOSO, 2020, p. 11). A mediação do signo é inalienável nos processos de significação e de construção e recepção de sentidos. A mola propulsora da mediação é a ação sígnica. “A ação do signo, portanto, é a ação do império do meio, livrando os signos da prisão às dicotomias que ensejam falsos antagonismos e oposições extremadas” (IDEM, p. 14).

Nesse sentido, encontrar a mediação cultural no *Flâneur*, na *flânerie* e em Michel de Certeau é absorver os espaços e entender os elementos da cidade de acordo com os elementos sígnicos nas quais as semioses e as abstrações na filosofia de Peirce estimulam e desencadeiam o que se retrata na mediação cultural de forma prática, abordada por alguns teóricos da Ciência da Informação:

Na tessitura e construção da mediação cultural manifestam-se linguagens e movimentos. Ou seja, em um sistema de representação comum, há uma comunidade, há uma cultura ou diversas culturas. E, ao mesmo tempo, esse sistema de representação gera um sistema social, coletivo, de pensamento, de relações, de vida, o que se pode chamar de sociabilidade (RASTELLI; CAVALCANTE, 2014, p. 46-47)

Levando em conta que além da linguagem, já mencionada por Caune (2014), os autores trazem os movimentos para a construção da mediação cultural, caminhar pela cidade pode ser visto como uma forma de sociabilidade, pois envolve a interação com o ambiente urbano e com as pessoas e os cenários que compartilham esse espaço. Segundo Perrotti e Pieruccini (2014, p. 11), “a mediação não é somente um ato “funcional” ou de âmbito restrito; é também discurso, ato de produção de sentidos que se realiza no campo amplo e dinâmico da cultura”. Se entendemos a cidade como este campo amplo e dinâmico, podemos ver que há potencial de mediação em caminhar por ela.

Araújo e Valentim (2019), conceituam mediação da informação ainda trazendo o termo “ligação”, num primeiro momento, para exemplificar a “ponte” também mencionada por Almeida Júnior (2009), mas em seguida abordam de forma mais profunda o entendimento do que seria “mediar”, sobretudo através das ideias de Paulo Freire, que defende que a mediação é também um ato de interferência intencional daquele que está lidando com a informação. A informação, aqui visualizada e entendida como a cidade, como Certeau a chama

de “‘A cidade’, à maneira de um nome próprio”, “ eleva-se no processo mediacional e conforme é dito por Brentan Junior, Martins e Santos Neto (2018, p. 7):

O processo de mediação cultural faz com que a sociedade tenha a oportunidade de vislumbrar contextos histórico-sociais no que diz respeito à sua cultura (conjunto de conhecimento, crenças, arte, costumes, etc.), assim como podem estabelecer contato com outras culturas também. A mediação cultural pode ser considerada como um processo que visa unir o sensível ao simbólico, isto é, o sujeito ao objeto cultural.

Isso pode ser relacionado às artes do fazer presente nos cotidianos. A mediação cultural também se dá pelos “feixes sógnicos” decorrentes das ações dos signos nos cotidianos, mormente no das cidades sob o olhar errante, mas atento de Flâneur. As mediações advindas do mundo e dos fenômenos socioculturais vêm das “veias mediadoras dos próprios signos”, de onde vêm as mediações primeiras dos signos. Esses “feixes sógnicos” e suas complexas mediações se assemelham aos fluxos informacionais. Dentro de um processo de informação não unilinear e não unidirecional encontramos complexos processos de mediações, de interferências, de conflitos e de semioses, o que afasta de vez o entendimento da mediação como uma interferência que não esteja ela mesma no signo e nas suas ações semióticas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões suscitadas pela obra de Michel de Certeau revelam componentes semióticos de que a figura do *Flâneur*, através da mediação cultural – implícita e impregnada no cotidiano das cidades – permite o constante fluxo de signos e significados entre os indivíduos, a cidade e o ato de caminhar. O caráter mediacional da *flânerie* constitui uma participação ativa na construção do significado urbano. Nesse sentido, os objetivos da comunicação em questão são alcançados quando estabelecem contextualização entre o *Flâneur* e as práticas cotidianas abordadas por Certeau, à luz de reflexões da mediação de Charles Sanders Peirce.

Essa proposta é um recorte que reconhece as especificidades culturais do simples ato de caminhar, considerando o signo e os significados que por eles são interpretados e atribuídos, como expressões dos fenômenos observados. Atrelado a isso, admite que o conceito de mediação cultural não está em simplesmente estabelecer associações formais entre dois pontos no processo comunicativo, mas abrir-se para novas manifestações e olhares que podem ir além do que é estabelecido como mediação em sua forma prática. O *Flâneur*

**XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB
Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023**

configura uma possibilidade em outras a serem estudadas dentro de uma percepção contemporânea promovida pela Ciência da Informação, sobretudo no âmbito da mediação cultural, centrada em contextos sócio-culturais e semióticos que constroem novas relações e perspectivas investigativas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da Informação e múltiplas linguagens.

Pesquisa brasileira em Ciência da Informação, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez. 2009.

ARAÚJO, C. A. Á.; VALENTIM, M. L. P. A Ciência da Informação no Brasil: mapeamento da pesquisa e cenário institucional. **Bibliotecas - Anales de Investigación**, Cuba, v. 15, n. 2, p. 232-259, 2019.

BENJAMIN, W. **Origem do drama barroco alemão**. Trad., apres. e notas de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRENTAN JUNIOR, E. C.; MARTINS, B. R.; SANTOS NETO, J. A. A mediação cultural e a análise de assunto: mais que discursos, unindo comunidades. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 12, n. 3, p. 3-27, 2018.

CARVALHO, R. P.; NUNES, J. V. Interseções conceituais sobre mediação: contribuição dos estudos culturais à ciência da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2021, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UFRJ, IBICT, 2021.

CAUNE, J. **Cultura e comunicação**: convergências teóricas e lugares de mediação. São Paulo: UNESP, 2014.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CONLIN, J. This public sort of obscurity: the origins of the flâneur in London and Paris, 1660-1780. *In*: WRIGLEY, R. **The flâneur abroad**: historical and international perspectives. Newcastle, UK: Cambridge Scholars Publishing, 2014. p. 14-39.

FEITOSA, L. T. Complexas mediações: transdisciplinaridade e incertezas nas recepções informacionais. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 98-117, jan./jun., 2016.

FRISBY, D. The flâneur in social theory. *In*: TESTER, K. **The flâneur**: Londres; Nova York: Routledge, 1994. p. 81-110.

KUPIEC, A.; NEITZEL, A. A.; CARVALHO, C. A mediação cultural e o processo de humanização do homem. **Antares**: letras e humanidades, Caixias do Sul, v. 6, n. 11, p. 163-177, jan./jun., 2014.

MAFFESOLI, M. A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). **Revista**

XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB
Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023

FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 1, n. 20, p. 13-20, 2003. Disponível em: <https://goo.gl/orffcU>. Acesso em: 30 mai. 2023.

PERROTTI, E; PIERUCCINI, I. A mediação cultural como categoria autônoma. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 01-22, out. 2014. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19992>. Acesso em: 02 jul. 2023.

RASTELI, A.; CAVALCANTE, L. E. Mediação cultural e apropriação da informação em bibliotecas públicas. **Encontros Bibli:** revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, SC, v. 19, n. 39, p. 43-58, abr., 2014.

SANTAELLA, L.; CARDOSO, T. Mediação segundo Peirce e Latour. **Lumina**, [s. l.], v. 14, n. 3, p. 5–21, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/31001>. Acesso em: 8 jul. 2023.

TESTER, K. **The flâneur**: Londres; Nova York: Routledge, 1994.